

## Corpos instáveis e inconformados: as resistências dos não binários às práticas reguladoras e amarras do meio esportivo

Unstable and non-conforming bodies: the resistance of non-binaries to the regulatory practices and constraints of the sporting environment

DOI 10.5281/zenodo.10813475

Célio Rosa Peres<sup>1</sup>

138

**Resumo:** Competir e permanecer no esporte são direitos dos corpos desiguais. No entanto, normas e enquadramentos afugentam os que fogem dos padrões. O enfrentamento dessas amarras pelos corpos dissidentes e desconfortáveis representa um terreno fértil para discussões no ambiente esportivo por aqueles (as) tidos(as) como não convencionais e sujeitos a abjeções. O objetivo desse estudo foi problematizar as tensões e as normas controladoras produzidas e ancoradas sobre os corpos no meio esportivo. A metodologia foi qualitativa de caráter bibliográfico por meio de revisão narrativa de literatura. Evidenciou-se que ainda é considerado um tabu falar sobre corpos tidos como impróprios, fora dos padrões, excluído da prática diária e do esporte. Essas práticas hegemônicas ainda encontram corpos resistentes e subversivos que lutam pelos seus direitos e equidade.

**Palavras-chave:** Corpos. Controle. Problematização. Esporte.

**Abstract:** Competing and remaining in sport are the rights of unequal bodies. However, norms and frameworks scare away those who deviate from the standards. The confrontation of these constraints by dissident and uncomfortable bodies represents fertile ground for discussions in the sporting environment by those considered unconventional and subject to abjection. The objective of this study was to problematize the tensions and controlling norms produced and anchored on bodies in the sporting environment. The methodology was qualitative and bibliographic in nature through narrative literature review. It became evident that it is still considered a taboo to talk about bodies considered inappropriate, outside the standards, excluded from daily practice and sport. These hegemonic practices still find resistant and subversive bodies that fight for their rights and equity.

**Keywords:** Bodies. Control. Questioning. Sport.

### 1 Introdução

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduado em Educação Física pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Docente na Faculdade Cidade de Coromandel (FCC), <https://orcid.org/0000-0003-0912-1039> e [celiorosaperes@yahoo.com.br](mailto:celiorosaperes@yahoo.com.br)

Recebido em: 01/12/2023

Aprovado em: 06/03/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



O corpo não vive egresso da cultura nem da história. Vive espalhado pelo mundo como artefato do conhecimento representado como um tecido da sociedade. Construído e baseado num discurso fundamentado para realçar diferenças da biologia, dado como definitivas e naturais. O discurso biológico cunha e impõe normas para as identidades viverem o masculino e o feminino, por conseguinte não passa de uma criação discursiva (GOELLNER, 2013).

As normas atravessam continentes e patrulham corpos, lugares, corporações, discursos, culturas em todo universo. Está presente em qualquer forma viva ou não institucionalizada no planeta terra. É flexível, oscilante e se transforma quando é preciso atender as convivências que a sociedade e o poder instaurado acreditam ou não (FOUCAULT, 2010).

Fundamentado nesse discurso pelo corpo nos apresentamos, pelo corpo somos classificados, colocados na prateleira, hierarquizados, categorizados pelas corporações sociais hegemonicamente capitalistas, numa junção de marcas e controle satisfazendo normas, padrões e o contexto da cultura em que o corpo está inserido (LOURO, 2004).

O binarismo sob a ótica do gênero se revela na polarização dos corpos nos diversos contextos e saberes da malha social. Os caracteres secundários dos corpos masculino e femininos, compreendidos pela pelagem, quadris, seios e genitália, obriga-nos a balizar e determinar as características do que podemos dizer ser homem ou ser mulher dentro dos seus espaços e papéis de atuação.

Os corpos que fogem desses estigmas, transfigurados, deficientes, ou seja, que, divergem destas normas, sejam eles gordos, magros, inábeis, altos e inadequados, serão sempre os últimos a terem vez e sofrerão represálias por onde transitarem no ambiente esportivo. Essa situação se exacerba no momento em que os sujeitos são organizados pelo esporte em modalidades separadas pelo sexo (SOARES, 2017).

Quando as diferenças de sexo estão em jogo no esporte os corpos não se conformam com os processos regulatórios. E apesar das imposições para materialização do sexo imposto da lei e da regulação, essa materialização é sempre incompleta e inacabada (BUTLER, 2000).

Nessa lógica a história nos conta que sempre as práticas esportivas foram organizadas por ordem binária, fundamentando-se numa divisão dicotômica entre masculino /feminino, cerrando espaço para a outros diferentes modelos de atuação humana.

Essa divisão por sexo nos diversos modelos de pratica esportiva ainda caminha em passos lentos em direção de um território onde impera a democracia e a igualdade. Distanciando

de um exercício e uma dinâmica sociável e cultural que a todos acolhe. No centro dessa forma de intolerância o respeito à diversidade sexual clama por adoção.

Se não bastasse isso, a aceitação do corpo no que tange a sua diversidade produz reações discordantes em relação a abordagem de gênero na escola e nos espaços esportivos. O Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) banuiu as afirmações gênero, no que refere a igualdade, diversidade, orientação sexual de sua documentação. Atitude que fortaleceu a ala do conservadorismo e cerceou a problematização de gênero, nos ambientes onde os sujeitos sofrem mais com a opressão.

Neste cenário, construímos a situação problema do nosso estudo: Para onde vão os corpos não binários que pedem passagem para atuar no espaço esportivo? A hipótese é que as políticas públicas que deveriam dar proteção no âmbito da lei a corpos tidos como estranhos e dissonantes ainda tem muito que caminhar e isso reflete no escárnio e menosprezo aos diferentes na sociedade e no esporte.

Alguns grupos de esportistas ainda são considerados abjetos em virtude de práticas preconceituosas e gratuitas discriminações no cenário esportivos. Em consonância com essa discussão, Knijnik (2010) convida a trazer para o debate sobre gênero diferentes atores da sociedade, aqueles estranhos que não se ajustam a padronização dos modelos corporais prescritos pelos princípios androcêntricos do esporte. Para nos ajudar entender o porquê que são tidos como bizarros e devem ser empurrados para fora do campo.

A justificativa desta pesquisa ancora -se nos estudos de gênero, tendo como mote trazer uma discussão sobre um tema pouco abordado nas pesquisas que são os corpos excluídos e dissonantes que lutam por visibilidade e respeito no ambiente do esporte. No sentido de sensibilizar o meio acadêmico especificamente a Educação física e os esportes sobre a responsabilidade social de refletirem sobre uma nova ordem, a de comportar a todos, que rompem com as normas que sofrem classificação, e são excluídos.

## 2 Metodologia

Este estudo é de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico com revisão integrativa de literatura e tem como objetivo geral problematizar as tensões e as normas controladoras produzidas e ancoradas sobre os corpos no meio esportivo. Especificamente refletir sobre práticas subversivas e perturbadoras dos corpos transgêneros, gays, travestis, lesbicos, *queer* que atravessam as fronteiras do esporte e pedem acolhimento. Também discutir

as possibilidades de dar visibilidade aos corpos no esporte através da identificação e percepção de uma nova categoria, a do reconhecimento das diferenças.

Para adentrar nesses espaços de diferenças ainda tido como minado e discutir sobre as contendas de sexualidade e gênero, recorreremos a relevantes autores como: Judith Butler; Michel Foucault; Leandro Brito e Mônica Santos; Silvana Goellner, Richard Miskolci, Fabiano Devide; e Wagner Camargo. Pensadores que nos provocam trazer com destreza reflexões sobre corpos tidos como dissonantes no esporte,

Na Seção que se segue, vamos discutir os privilégios de alguns corpos e o cerceamento de outros e o que é permitido a alguns e também o que é proibido a outros.

### 3 O que pode e o que não pode para os corpos no ambiente do esporte

Cisgeneridade/transgeneridade disputam o ideal de protagonismo do corpo para a embate esportivo nas piscinas, campos, pistas de atletismo e quadras. Numa batalha para definir pelo bom senso os direitos entre o que não pode e o pode no ambiente do esporte, numa forma de ocupar espaços e definir papéis.

Nessa colisão por direito a espaço e disputa de identidade de gênero uma forma de ridicularizar os corpos tidos como diferentes é através de “piadas” de olhares silenciosos de menosprezo e rejeição. Numa violência simbólica e homofóbica que se internaliza na forma de comportar de diferentes sujeitos (LOURO, 2008). Uma ditadura como fala a canção de Chico Buarque:

Hoje você é quem manda falou, tá falado, não tem discussão. A minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão, viu. Você que inventou esse estado e inventou de inventar toda a escuridão. Você que inventou o pecado esqueceu-se de inventar o perdão. Apesar de você amanhã há de ser outro dia.<sup>2</sup>

Nas arenas esportivas impera a troca de olhares velados pela torcida, os julgamentos e juízos públicos difundidos desde um simples gracejo, um apelido, um deboche, transitando até os manifestos de constrangimento de agressões verbais, físicas aos pretos, aos obesos, aos gays, as mulheres, aos judeus e aos portadores de necessidades especiais (OLIVEIRA, 2011).

<sup>2</sup> PORTAL EDUCAÇÃO. **Chico Buarque e a Ditadura na canção Apesar de Você**. Disponível em: <https://blog.portaleducacao.com.br/chico-buarque-e-a-ditadura-na-cancao-apesar-de-voce/> Acesso em: 12 maio 2023.

Repercute como um corpo fora do lugar aqueles que não se enquadram e quebram correntes da normatividade cravada no esporte, porque bloqueiam o serial sexo/gênero que respaldam as classificações masculino/feminina da corporeidade dos corpos no território esportivo. Nomeados como como corpos dissonantes (CAMARGO, 2016).

Corpos dissonantes, são classificados como espectros que se colocam a margem na fronteira com corpos normativos, intitulados divergentes da “normatividade” ou “abjetos” que afastam ou contrariam os padrões da estética da beleza ou eficácia ditados pela sociedade ocidental contemporânea e que fazem parte dos embates esportivos como campeonatos mundiais e jogos olímpicos (BAILEY, 2008).

Sem ter para onde ir os corpos classificados como dissonantes são colocados a margem, olhados com desconfiança e repulsa. No espaço da escola ficam marginalizados pois sua presença desestabilizam as diretrizes sociais (LOURO, 2007).

Para Butler (2004) em nome da heteronormatividade da sociedade e do esporte, atrelado ao tripé masculinidade/ virilidade/ agressividade as portas fecham para impedir a pavimentação de estradas que acolhem o homossexual ou à mulher.

Nesta mesma esteira de discriminações e em nome de uma sociedade que baseia nos princípios da matriz europeia idealizada nos comportamentos do homem branco, os negros(as) viram sua liberdade cerceada sendo excluídos e subjugado como inferiores. Corpos negros tidos como estorvos, negros, sujos, nocivos, selvagens e desumanos, pautados pelas ideias colonialistas configuram como colonizados e o branco como colonizador (FLEURI, 2003).

Da mesma forma a gordofobia no esporte representa aquele (a) que transgride as normas da performance, dos protocolos de treinamentos e alimentação. Trafegam a mercê de múltiplos olhares discriminatórios, carregam o estigma e o eminente risco de fracasso, de culpa, da deformação e da abjeção (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012).

O Brasil colônia trouxe e emancipou um ideal de corpo naturalizado apoiado numa matriz heterossexual, branca cristã, europeia, militar, tornando-se inquestionável e dotados de todos os privilégios e dignidade humana aqueles enquadrados nesse paradigma. Na sua coluna na folha de São Paulo (2018), Fabiana Moraes, jornalista e professora da Universidade Federal de Pernambuco destaca “O coitadíssimo de héteros, brancos e homens” Enfatiza as benesses e a legitimação dos corpos colonizadores.

Em resumo, na sua coluna, a população branca, masculina, heterossexual e, principalmente, concentrada no Sul e no Sudeste do país, regiões mais ricas, pode chorar um pouco menos. Dificilmente apanhará na rua, será estuprada, ganhará

menos, terá os piores empregos ou estará na mira dos revólveres. Dos 62 mil assassinados por ano, informa o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 71% são negros. O número de brancos assassinados caiu 12% enquanto aumentou 18% entre negros (de 2005 a 2015). A Unesco aponta que jovens negros nordestinos têm 4,3 mais chances de serem mortos em contraste com jovens brancos de outras regiões do país.

Depois destas discussões, torna-se importante falar de alteridade que nada mais é do que reconhecer que existem identidades, culturas que tem seus costumes singulares e diferentes. Por isso calçar o sapato do outro significa estabelecer o exercício de pensar como o outro longe das marcações sociais. Na seção II vamos debater a alteridade e suas possibilidades de estabelecermos uma nova categoria sem nós e exclusões no esporte.

#### 4 As possibilidades da alteridade e uma nova categoria identitária no esporte

O corpo é nosso eu internalizado simboliza nosso habitat, moramos nele, por ele nos expressamos e com ele transitamos por múltiplos caminhos, avenidas, encruzilhadas, que representam as possibilidades de viver, nos afirmamos, e interagir com o universo.

O debate sobre essas possibilidades de viver desses corpos no meio esportivo demonstra que o desporto é moldado e alinhados num paradigma binário, restritivo e circunscrito. Isso não significa que múltiplos corpos não ajustados com esse sistema binário não possam estar ali e existir.

Nesse cenário pedem passagem nos esportes os corpos que abominam o enquadramento definitivo e inalterável das identidades. Pedem passagem os corpos plurais, insubmissos, que transbordam e atravessam os limites do binarismo de gênero, que cerceam os protótipos cristalizados e dominadores.

Candidatam a essa nova categoria os corpos LGBTQIAP+ lésbicas, assexuais, pansexuais os, gordos, os gays, bissexuais, negros (as), ciganos (as), quilombolas, transgêneros, *queer*, sapatões, enfim todos (as) que possuem anomalias corporais e de sexo para terem lugar no esporte (WOLF, 2011).

Candidatam do mesmo modo nessa categoria os corpos excluídos pelos discursos médicos que reconhecem e normatizam comportamentos sexuais pelos aspectos da masculinidade e feminilidade como parâmetros únicos. E caracterizam como desvio/ doença ou anormalidade aos que fogem dessas orientações (LIONÇO, 2009).

Também pedem espaço de forma equitativa no esporte os corpos os supressos pelos discursos jurídicos que legitimam o homem como dono de posição de centralidade no esporte interditando a subjetividade dos não masculinos.

Candidatam na mesma ordem os corpos filhos e filhas dos enredos políticos, que eclodiram no ano de 2015, em todo o Brasil, suprimindo a terminologia “gênero” do plano nacional, estadual e municipal de nossa educação (CARVALHO, 2015).

Candidatam nesta esteira de corpos discriminados e negados pelos discursos religiosos que tentam domestica-los e controla-los numa linha de padrão heterossexual balizada como impar e verdadeira (PRADO, 2017).

Postulam lugar nessa categoria os alunos (as), os professores(as) das escolas, universidades, contrários ao discurso da desaprovação dos corpos diferentes e inusitados na Educação física. Esferas que teimam em produzir corpos em sangria escolarizados para produção de gestos e posturas robotizados, deterministas e alheios às identidades" (LOURO, 1995).

Pedem espaço também nessa nova categoria as mulheres, criadas para serem submissas aos homens. Como destacam Brito e Santos (2013), as crianças do sexo masculino recebem uma educação calcada no dote da superioridade e as crianças do sexo feminino são educadas para a inferioridade, para as tarefas que envolvem o lar e a procriação. Somando a isso os meninos são instruídos pela escola e família a reproduzir os preconceitos sociais de discriminação para que mantenham sua masculinidade.

Estudos mostram que o machismo e a homofobia não são apenas tolerados como também são ensinados nas escolas brasileiras, resultando em agressões de diversos tipos, além de evasão escolar. A expectativa em torno do Comitê de Gênero era de que ali seriam elaboradas propostas e subsídios técnicos para a formulação, avaliação e aperfeiçoamento de políticas educacionais voltadas ao enfrentamento da violência de gênero e à promoção da diversidade como fator indispensável para a garantia de uma educação de qualidade. (CARA, 2015, p. 01).

Além disso, reforçando a falta de credibilidade das mulheres quando sua participação é tida como um feito extraordinário no esporte, o desempenho do seu corpo é investigado e colocado aos olhos da suspeita, a sexualidade é inquerida e discutida e sua meritocracia questionada sob acusações de anabolizantes e doping (SILVEIRA; VAZ, 2014).

Problematizar a pratica desportiva e a educação física pelo viés das diferenças, procurando entender as demandas dos/das alunos (as) como singulares e não pelos ditames e uma

cartilha de doutrinação do que é ser menino/ menina é valorizar a pluralidade e descolonizar as desigualdades (MISKOLCI, 2017).

Urge refletir que não vivamos da divisão do masculino e feminino, mas de mulheres e homens de várias e diferenciadas classes, etnias, credos religiosos e inúmeras gerações. Dessa forma vive-se distintas e dessemelhantes identidades de mulheres e homens, construídas através de vivências sociais no percurso da vida (GOELLNER, 2013).

Entre interdições ditos e não ditos e cautela, enfim uma notícia que parece dar visibilidade, universalidade, igualdade de condições e oportunidade aos corpos nas práticas esportivas, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) aprovou no dia 08 de março de 2023, a introdução de competições mistas no futebol brasileiro. Isso significa um avanço porque agora as mulheres poderão participar de equipes masculinas. Essa regulamentação vai de encontro aos anseios dos que contestam a divisão e o binarismo de gênero no desporto.

Essa conquista ainda que pequena, representa um tapa na cara no preconceito dos que fazem do futebol um reduto machista de privilégio dos corpos masculinos.

## 5 Apontamentos Provisórios

Essa pesquisa teve como mote fazer um apelo em nome todos os corpos considerados impróprios, abjetos, dissidentes e fora das normas no esporte. E propor uma nova ordem, uma ordem do acolhimento de guarita aos que insistem por um lugar equitativo e de respeito, longe da homofobia.

Em virtude desse grito de alerta o estudo trouxe como objetivo geral problematizar as tensões e as normas controladoras produzidas e ancoradas sobre os corpos no meio esportivo. Verificamos que o objetivo geral foi respondido porque a pesquisa demonstrou que discutiu com propriedade os principais pontos gatilhos que cerceiam os corpos tidos como diferentes e impróprios que militam nas arenas esportivas. No que tange ao primeiro objetivo específico que teve como intenção refletir sobre práticas subversivas e perturbadoras dos corpos transgêneros, gays, travestis, lésbicos, *queer* que atravessam as fronteiras do esporte e pedem acolhimento, discutido na seção I. Consideramos que foi atendido porque a pesquisa demonstrou que ainda existem corpos teimosos, subversivos que lutam por espaço contra a virilidade hegemônica do esporte. No segundo objetivo específico a pesquisa trouxe a seguinte indagação, discutir as possibilidades de visualidade dos corpos ao esporte através da identificação e percepção de uma nova categoria, a do reconhecimento das diferenças. A

pesquisa comprovou na seção II que ainda existem espaços a serem conquistados e um horizonte de possibilidades para que esses corpos que provocam estranhamentos possam dialogar, provocar tensões e romper com um determinismo dessa matriz heteronormativa dominadora de gênero.

O estudo partiu da hipótese que as políticas públicas que deveriam dar proteção no âmbito da lei a corpos tidos como estranhos e dissonantes ainda tem muito que caminhar e isso reflete no escárnio e menosprezo aos diferentes na sociedade e no esporte. Constatamos que apesar de alguns avanços, as políticas públicas que regem a educação/ gênero/esporte caminham em passos lentos, num processo em andamento que ainda exige ajustamentos a inclusão dos corpos que destoam dos corpos eleitos culturalmente.

No que tange ao problema da pesquisa teve a intenção de responder à pergunta para onde vão os corpos não binários que pedem passagem para atuar no espaço esportivo? Pudemos perceber que esses corpos deixados a margem, recebem vigilância, coerção e censura sobre suas identidades corpóreas e sexuais, e os que conseguem visibilidade para atuar no espaço esportivo precisam se escamotear para serem aceitos.

Os resultados demonstrados por meio do levantamento bibliográfico evidenciaram que poucas pesquisas dialogam com os objetivos de nosso estudo. Revelam a presença de lacunas e que a temática corpo e identidades de gênero no esporte é discutido de forma tímida e rasa sem relevância e profundidade que é merecedor.

Enfim, apesar dos corpos nascerem livres, dotados de múltiplas possibilidades, trânsitos infinitos para imensuráveis voos, efêmeros e fluidos. Ficam à serviço dos quereres da coerção de uma eterna vigilância, muitas vezes daqueles que não sabem lidar com suas próprias vidas, e resolvem deliberar por vidas que pertencem a outros(as).

Apesar de saber que são longos os caminhos a percorrer e a conquistar, no meio dos corpos instáveis e inconformados, a expressão “lugar do corpo de mulher é na cozinha” parece perder força e cair em desuso no esporte para os ditadores de regras de conduta, que determinam papéis e funções dos corpos das mulheres. Corpos femininos avançam e empoderam para quebra de paradigmas em direção ao direito de fala e ao slogan: “O lugar do corpo da mulher é onde ela quer”

Pela importância que o assunto desperta no meio acadêmico sugerimos que outras pesquisas discutam sobre as questões relacionadas a representatividades dos corpos nas arenas esportivas, principalmente sobre aqueles classificados como abjetos e interrogáveis

## REFERÊNCIAS

BAILEY, Steve. **Athlete first**: A history of the Paralympic movement. London: John Wiley & Sons, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-198.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Edições Câmara, 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRITO, Leandro Teófilo; SANTOS, Mônica Pereira. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, jun. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000200008> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/58564> Acesso em: 12 nov. 2023.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, out./dez. 2016. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66188> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/66188>. Acesso em: 09 abr. 2023.

CARA, Daniel. **Governo cede à pressão e substitui Comitê de Gênero do MEC**. 2015. Blogosfera. Disponível em: <https://danielcara.blogosfera.uol.com.br/2015/09/22/governo-cede-a-pressao-e-substitui-comite-de-genero/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 maio 2023.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

FLEURI, R. M. **Educação intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico- profissional da Educação Física**. **Educação Física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Org.). **Gênero e Esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LIONÇO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no processo transexualizador do SUS: avanços e impasses. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000100004>

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physics/a/pxSyLfDd8pZzdQ6tknGbWnx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 83-107.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes *et al.* (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATOS, K. S.; ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C. O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - EDUCAÇÃO FÍSICA E COMPROMISSO SOCIAL, 9., 2012, São Cristóvão, SE. **Anais [...]**. São Cristóvão, SE: UFS, 2012. p. 1-17.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORAES, Fabiana. O coitadíssimo de héteros, brancos e homens, **Folha de São Paulo**: Revista Piauí, 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-coitadismo-de-heteros-brancos-e-homens/> Acesso em: 08 nov. 2023.

OLIVEIRA, J. E. C. Esporte e Violência. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 16, n. 156, maio 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm> Acesso em: 10 nov. 2023.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Chico Buarque e a Ditadura na canção Apesar de Você**. Disponível em: <https://blog.portaleducacao.com.br/chico-buarque-e-a-ditadura-na-cancao-apesar-de-voce/> Acesso em: 12 maio 2023.

PRADO, Vagner Matias. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. **Práxis educativa** (UEPG), Ponta Grossa, v. 12, n. 12, p. 501-519, jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8809> Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 42, p. 447-475, jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420447> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/xTN3bwwHVQxSsThqWmHwWyy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08 nov. 2023.

SOARES, Carmen. **Educação Física: raízes europeias**. São Paulo: Autores Associados, 2017.

WOLF, S. America' deepest closet: why does the sports world remain fi ercely hostile to open participation by LGBT athletes?. **The Nation**, n. 22, p. 29-30, ago. 2011.